

A formação presbiteral à luz do pensamento ético-antropológico de Lima Vaz

George Luís Cardoso Silva¹

Jéferson de Jesus Teixeira²

Resumo: Esta pesquisa busca traçar costuras entre o pensamento vaziano e a formação presbiteral. Esta se dá por toda a vida do presbítero, porém em seu caminho inicial existe um roteiro específico de formação seguida pelos seminários. O formando deve ser visto na sua integralidade, enquanto pessoa humana composta de dimensões inseparáveis. À vista disso, o construto ético e antropológico de Lima Vaz, se aproxima a proposta da formação presbiteral que visa levar o formando a amadurecer-se como pessoa humana, dotada de liberdade inalienável, que encontra sua relação a partir do seu crescimento nas relações, consigo e com outrem.

Palavras-chave: Formação; Seminário; Ética; Antropologia.

INTRODUÇÃO

A formação presbiteral possui, no seio eclesial, um lugar de especial atenção. Sua ação se constitui em uma base teológica, ética e antropológica. Neste sentido, esta pesquisa visa, traçar costuras entre o pensamento do jesuíta, padre Henrique Cláudio de Lima Vaz. A primeira urgência nesta pesquisa se encontra no seu iminente tracejado humanístico, onde se pretende apontar a humanidade como um dom concedido por Deus ao homem, sendo isto que o faz diferente das demais criaturas e o faz imagem e semelhança de Deus.

Para as diretrizes do processo formativo inicial, que, em geral, ocorre nos seminários, a Igreja toma por ponto de partida a, assim denominada, Antropologia Teológica. Trata-se da ideia de homem indicado na teologia cristã. Nesta, uma das características fundamentais se encontra na dimensão da liberdade humana. Assim, o formando deve ser o sujeito de sua própria formação, buscando sua humanização. Por isso a dimensão humana é tida como a base para toda a formação.

O padre Vaz, esboçando seu pensamento ético e antropológico, destaca a liberdade como condição *sine qua non* na formação integral da pessoa. Somando a isso, chega-se a ideia de vida segundo o espírito que, se ligando à categoria de realização, é a fonte originária de onde advém o verdadeiro ser do homem. À vista disso, o construto vaziano, em sua reflexão ética e antropológica, se aproxima a proposta da formação presbiteral que visa levar o

1 Especialista em História e Antropologia, Licenciado em Filosofia e graduando em Teologia pelo ISTA.

2 Licenciado em Filosofia e graduando em Teologia pelo ISTA.

formando a amadurecer-se como pessoa humana, dotada de liberdade inalienável, que encontra sua relação a partir do seu crescimento nas relações, consigo e com outrem.

A FORJA DO DISCÍPULO-PASTOR: ITINERÁRIO DE HUMANIZAÇÃO

A formação presbiteral, se dá por toda a vida. Não obstante, o presbítero, tem em seu caminho inicial um percurso formativo nos chamados seminários. Essa formação presbiteral inicial, segundo o documento *O Dom da Vocação Presbiteral: Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis* (2017), tem na formação humana o fundamento de todo seu itinerário. O formando deve ser visto na sua integralidade, enquanto pessoa humana composta de dimensões inseparáveis. Todavia, o processo se desenvolve por eixos específicos que compõem o todo. Estes são chamados de dimensões, que são assim aglutinados: humana, espiritual, intelectual, pastoral-missionária. Através delas se desenrola o processo formativo tendo como sujeito da formação o próprio seminarista. Assim, o papa João Paulo II, na exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo Vobis*, afirma que:

Não se pode esquecer, finalmente, que o próprio candidato ao sacerdócio deve ser considerado protagonista necessário e insubstituível na sua formação: toda e qualquer formação, naturalmente incluindo a sacerdotal, é no fim de contas uma autoformação. Ninguém, de fato, nos pode substituir na liberdade responsável que temos como pessoas individuais. (JOÃO PAULO II, 1992, p.180)

A antropologia teológica, que vê no ser humano um indivíduo dotado de pessoalidade, individualidade e liberdade se encontra na base do processo formativo. Propõe-se um caminho em que sua humanidade seja integrada, levando em consideração suas diversas dimensões. Não deixando de lado sua história de vida, potencialidades e fragilidades. Nesse sentido, deve-se, também, levar em consideração que a Igreja Católica se encontra inserida nos mais diversos ambientes do planeta, tendo assim a necessidade de se ter um olhar especial sobre cada realidade, com sua história, cultura, economia e afins.

A formação se dá por toda a vida do presbítero, porém em seu caminho inicial existe um roteiro específico de formação seguida pelos seminários. Para tal, o seminarista não deve perder de vista suas raízes. Todo processo de maturidade se desenrola imerso em uma realidade, que tem características próprias que devem ser levadas em consideração, bem como, o caminho histórico para se chegar até esta. Para o papa Francisco “o sacerdote não pode perder as suas raízes, pois permanece sempre um homem do povo e da cultura que o geraram” (FRANCISCO, 2015).

Neste sentido, a Conferência dos Bispos do Brasil traz nas diretrizes para a formação dos presbíteros no Brasil que “a maturação humana do presbítero é uma exigência de seu próprio ministério e uma decorrência da caridade pastoral. Por isso, o seminarista tenha pleno conhecimento da própria história de vida, e que esta seja partilhada com os formadores”

(CNBB, 2019, p.100). Conhecer a si mesmo, sua história pessoal, inserida em um contexto, para alcançar a maturidade necessária ao assumir presbiterado.

O caminho formativo deve, então, dispor de um projeto de formação, alinhado com a realidade. À vista disso, sendo desejável que os seminários estejam inseridos no contexto sócio-político-econômico-religioso que futuramente o seminarista irá exercer seu ministério, corroborando para uma formação inculturada na realidade. Toda a compreensão de ser humano, lançada sobre a formação, tem por norte a futura ação pastoral do presbítero. Neste sentido, “[...] é indispensável uma profunda formação que leve em conta a dimensão antropológica da vocação do presbítero, ajudando-o a cultivar os verdadeiros valores humanos que facilitarão depois o exercício de seu ministério em favor da humanidade e das humanidades” (MENDONÇA; OLIVEIRA, 2011, p.10). O humano se dá na história, e dela não se pode desvincular. Faz-se notar, pelo apresentado até o momento, a estreita ligação entre a dimensão antropológica e histórica da formação presbiteral.

O Concílio Vaticano II dedicou um dos seus documentos, *Gaudium et Spes*, para dizer sobre o ser da Igreja no mundo. É no campo da história de que se dará a ação do presbítero. Desde ao contexto histórico universal às histórias de cada indivíduo. “[...] E não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (VATICANO II, 2002, p.541). Não se pode ler a realidade de maneira profunda sem antes compreender o percurso dela até ali.

O caminho formativo é um caminho de aprendizado. João Batista Libânio (2014), falando sobre a auto-formação, aponta que é a dimensão histórica que ilumina o fazer e a própria realidade. Em suas palavras: “uma consciência de responsabilidade só é possível com consciência histórica [...]. Aprende-se a fazer captando o lado ético de todo agir humano [...]. O pensar histórico envolve-se necessariamente com a ética” (LIBÂNIO, 2014, p.86). A dimensão da responsabilidade, necessária para o alcance da maturidade se liga com a consciência histórica. Amalgama-se a isso, o aprender a ser que, também, necessita da dimensão histórica para se situar. “Aprender a ser significa aprender a construir a própria existência” (LIBÂNIO, 2014, p. 139). Isto se encontra em profunda sintonia com o dado antropológico da liberdade. O seminarista deve ser sujeito da própria formação, se percebendo como alguém dotado de pessoalidade, e, por conseguinte, de liberdade.

ITINERÁRIO DA REALIZAÇÃO: FORMANDO PARA A LIBERDADE

Lima Vaz (1991), tecendo o pensamento sobre a liberdade, afirma que esta é indispensável na formação integral da pessoa. Liberdade compreendida como resposta ao transcendente, como condição *sine qua non* para a realização da pessoa como tal, e, não como uma simples possibilidade de escolha. Urge, neste íterim, levar o formando, no decorrer do processo, à esta liberdade. “Trata-se de um processo que visa educar a pessoa à verdade do próprio ser, à liberdade e ao domínio de si, com vistas à superação das diversas formas

de individualismo e o dom sincero de si que dá lugar a uma generosa dedicação aos outros” (CNBB, 2019, p.42). Pensando, assim, no processo formativo como um caminho de resposta a algo/alguém que lhe supera.

Considerando a dialética do espírito pela metáfora da respiração, *pneuma*, nota-se que o espírito é animado pelo duplo movimento: o acolhimento do ser e o dom ao ser, inteligência e liberdade. Neste sentido, percebe-se que a liberdade, própria do ser humano, deve ser preservada na vida formativa. Não se toma a formação pela metáfora da “forma”, que é algo engessado e discrepante com o caminho de humanização.

O seminarista deve ter sua originalidade levada em conta no processo de formação, pois ele é um ser único e de natureza complexa, com história de vida e características próprias. Ele deve ser levado a amadurecer-se como humano, dotado de liberdade inalienável, que encontra sua relação a partir do seu crescimento nas relações, consigo e com outrem.

Em seu pensamento sobre a ética, Lima Vaz aponta que o reconhecimento de si, enquanto pessoa, é extremamente necessário. Por conseguinte, o sujeito só se afirma, como tal, em convivência com outros sujeitos. Não no sentido de confronto, mas da solidariedade e sociabilidade humanas. À vista disso, Lima Vaz afirma que:

[...] A experiência do existir pessoal se caracteriza pela intensidade e a nitidez da presença da realidade que nos é exterior no espaço interior da nossa presença a nós mesmos, de sorte que a presença do outro em nós seja constitutiva do próprio ato pelo qual somos presentes a nós mesmos. Ela é, em nós, mediadora dessa nossa presença a nós mesmos, já que não nos é dada a intuição direta da nossa própria essência. Assim, nossa presença ao outro não resulta do fato de ele estar simplesmente diante de nós numa relação especular, mas da sua presença no interior da nossa própria presença a nós mesmos que assim se mostra, pela sua própria natureza, presença aberta ao horizonte infinito do ser. Tal é a estrutura fundamental da experiência da pessoa. Ela é, assim, experiência de presença às coisas (Mundo), ao outro (História) e ao Transcendente (Absolutamente). (VAZ, 1992, p.208)

Liga-se, assim, à vida comunitária das casas formativas, onde o formando se encontra em meio a outros, que também se encontram em processo. “Todo processo formativo possui uma característica eminentemente comunitário” (CNBB, 2019, p.94). Contudo, é importante considerar que, fazendo referência a categoria da realização, a unidade do sujeito está estruturada na oposição entre a unidade em-si do sujeito em oposição ao seu abrir-se aos outros em sua multiplicidade. Daí pensar que, na vida comunitária, o formando deve ser considerado em sua singularidade e, por isso, chamado ao crescimento integral de si, como pessoa e sujeito, não se dissolvendo no todo.

[...] Na pessoa humana existem duas dimensões básicas: a interiorização e a abertura. Para que a pessoa possa amadurecer em sua personalidade, é indispensável a superação de toda dicotomia ou dualismo entre essas duas dimensões, de tal maneira que sejam desenvolvidas numa inter-relação dinâmica, cada uma aberta sempre à complementação. A pessoa se faz na medida em que ela sabe integrar de maneira equilibrada as diversas dimensões que a compõem. (MENDONÇA; OLIVEIRA, 2011, p.32).

Percebe-se, assim, a categoria de vida segundo o espírito está naturalmente ligada a categoria de realização. A realização humana, se dá por meio da capacidade a tornar-se dom-de-si aos outros, abertura a exterioridade sem suprimir a sua interioridade. O seminarista, ao abrir-se ao processo formativo, se coloca em um percurso, onde, pela via da liberdade, tem como meta, justamente, a sua realização como pessoa, para, desta forma, poder exercer, efetivamente, o ministério presbiteral, que sempre retoma à noção e necessidade, de fazer-se continuamente dom-de-si ao Outro e aos outros.

REALIZAR-SE COMO HUMANO: CONFIGURADOS A CRISTO

Ao vislumbrar a antropologia filosófica de Lima Vaz, nota-se a importância que a categoria de *espírito* possui em seu construto filosófico, pois não existe vida humana sem a categoria do espírito (OLIVEIRA, s/d). Tal ideia se liga à categoria de realização. A vida segundo o espírito é a fonte originária de onde advém o verdadeiro ser do homem: sob o aspecto da presença e sobre o aspecto da unidade, isto é, vivendo segundo o espírito o homem vive humanamente a vida corporal, bem como, a vida psíquica (VAZ, 1991).

É importante considerar que só o espírito é presente a si mesmo, dado sua reflexibilidade essencial, e, em consequência, só a vida segundo o espírito é, para o homem, presença a si mesmo, isto é, de conhecimento de si mesmo e autodeterminação, vida racional e livre. Nessa presença a si mesmo que se cumpre a unidade efetiva do homem ou sua unidade espiritual, cujo núcleo ontológico se encontra na estrutura noético-pneumático, no qual se exerce a vida segundo o espírito.

A vida segundo o espírito é, para o homem, o exercício dos atos que manifestam o espírito como o princípio mais profundo e essencial da vida humana. Nas palavras de Lima Vaz: “Esses atos do espírito ou atos espirituais descrevem, na variedade das suas formas e da sua intensidade, a curva ou o itinerário fundamental da vida de cada homem, e assinalam os pontos segundo os quais é possível traçar o perfil da sua personalidade mais autêntica” (VAZ, 1991, p.240).

Portanto, a vida segundo o espírito se manifesta como vida propriamente humana, dizendo respeito da correspondência transcendental entre o espírito e o ser. Logo, “[...] viver para os seres vivos é o seu próprio existir” (VAZ, 1991, p.239). Aqui, recorda-se a pessoa de

Jesus Cristo que inaugura uma nova compreensão acerca do homem e que, na filosofia de Lima Vaz, nota-se a influência do cristianismo em sua construção filosófica. Como pondera Antônio Joaquim Severino (1997):

[...] Mais que o tomismo, é o cristianismo que lastreia a perspectiva de abordagem de Lima Vaz, da problemática humana, enquanto diálogo com as demais perspectivas filosóficas. A sua será sempre uma abordagem cristocêntrica sendo inclusive essa centração a que se sobrepõe o próprio tomismo no esforço do autor de desenvolver uma reflexão sobre a história e a elucidação teológico-filosófico da existência histórica do homem (SEVERINO, 1997, p.136).

À vista disso, compreende-se a ideia antropológica da formação, que aponta um ideal de homem a ser seguido. A formação do presbítero tem por base a antropologia teológica, que vê no ser humano um indivíduo dotado de pessoalidade, individualidade e liberdade. Na pessoa de Jesus se tem o modelo de humanidade a ser aspirado. Assumindo integralmente sua missão, obediente até as últimas consequências, Jesus eleva consigo o ser humano. Ele é um ser humano que se mostrou aberto à dialética da existência, se construindo como pessoa no desenvolvimento integrado de suas relações consigo, com os outros e com o Outro.

Na pessoa de Jesus percebe-se a proeminência da vida segundo o espírito, na qual se evidencia o acolhimento do ser – contemplação e, enquanto liberdade tem, como sua operação suprema, o amor desinteressado (*ágape*), ou seja, o dom ao ser. Desta forma, portanto, a formação presbiteral busca, através de um trabalho verdadeiramente artesanal, semear e cultivar, em primeiro lugar, o modelo de pessoa que pode se traduzir nas palavras de Joseph Ratzinger (2005): “é a abertura para o todo [humanidade] e para o infinito que faz com que o ser humano seja humano. O homem é homem porque ultrapassa infinitamente a si mesmo, e por isso ele é tanto mais homem quanto menos ele fica fechado em si, *limitado*” (RATZINGER, 2005, p.175).

O ser humano, segundo a antropologia teológica católica, é ponto mais alto da obra criada, um ser dotado de racionalidade, capaz de transcendência e conhecimento. Se relaciona com Deus, é íntimo d’Ele, e, n’Ele possui seu princípio e seu fim. “A plenitude criacional se dá com a criação do homem: o único ser que goza da especificidade de ter sido criado à imagem de Deus. O ser humano é a criatura plasmada pela imagem que Deus tem de si mesmo” (OLIVEIRA, 2013, p.88). O homem, criado à imagem e semelhança do Criador, torna-se o centro de toda obra criada, e recebe, como ser dotado de consciência, o dever do cuidado para com toda obra da criação, donde foi tirado.

Como criatura, o ser humano possui limitações. É, em sua essência, frágil como o barro. Dependente daquele que o criou e o atrai para si. “O fato do ser humano ter sido modelado da terra revela, simultaneamente, sua fragilidade e dependência, em relação ao seu criador. O ser humano é frágil e quebradiço, assim como o é qualquer objeto feito de barro” (OLIVEIRA, 2013, p. 89). O Criador o atrai, mas não o condiciona. Contudo, esta dependência, diferente

de todas as demais, liberta integralmente o homem, pois é expressão do infinito amor divino. O homem não pode se igualar aos demais animais, uma vez que é chamado à responsabilidade, um ser possuidor de liberdade, dada por benevolência e gratuidade divinas. É entre estas duas extremidades, fragilidade criatural e dignidade dada por Deus, que se encontra o reconhecer-se humano, caminho para autorrealização como imagem e semelhança de Deus.

Toda a criação deve ser lida através de Jesus, que dá ao ser humano conhecer o Criador, de se reconciliar com Ele. “Em sua obediência, Ele conduz novamente a humanidade em direção à união com Deus e a faz participante da vida eterna” (ARENAS, 1987, p.135). Assumindo integralmente sua missão, obediente até as últimas consequências, Jesus eleva consigo o ser humano. Ele é o novo Adão, o homem novo, que retira a humanidade da sua situação de não-salvação. “Assim, Cristo não é só a imagem do Deus invisível (Cl 1,15), mas é ele o ser humano ideal, arquétipo” (RIBEIRO, 1995, p.118). Inaugura dessa forma a nova humanidade, sendo dela o primogênito, o primeiro, que abre a todos os homens as portas da salvação.

Ao se compreender Jesus Cristo como arquétipo do homem, isto é, como ideal da humanidade, ressignifica-se a leitura da criação do ser humano. “Se o Cristo, conforme vimos, é a imagem do Deus invisível, segundo qual o mundo foi criado, com muito mais razão, o homem é criado segundo a imagem de Deus que é Jesus Cristo” (RUBIO, 2001, p.200). É nele que se encontra o modelo de homem a ser seguido. Ele é o modelo de resposta à interpelação do Deus criador-salvador. “Ele é fonte de vida nova, de uma vida caracterizada pela abertura com toda radicalidade à comunhão com Deus, com os seres humanos e com o mundo todo criado” (RUBIO, 2001, p.201). Temos aqui o que o ser humano é interpelado a ser: aberto e solícito à ação e ao chamado de Deus.

O homem possui, em seu ser, a liberdade, dom concedido pelo Senhor da criação. É livre para cultivar seus relacionamentos, seu jeito de estar no mundo, que foi confiado aos seus cuidados. Nesse sentido, o documento *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil* (Doc. 55), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), afirma que “a ação formativa, centrada na pessoa mais que nas estruturas, há de ser personalizante, superando os riscos de massificação ou despersonalização, permitindo ampla abertura aos dotes e inclinações pessoais e a manifestação e originalidade de cada um” (CNBB, 2008, p.50). O seminarista deve ter sua originalidade levada em conta no processo de formação, pois ele é um ser único e de natureza complexa, com história de vida e características próprias. Ele deve ser levado a amadurecer-se como humano, dotado de liberdade inalienável, que encontra sua relação a partir do seu crescimento nas relações, consigo e com outrem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do presbítero católico é permeada de diversos aspectos. A expressão fundante se dá na visão integral do ser humano. Aplica-se a formação dos presbíteros a

antropologia teológica, onde se tem tecida uma imagem de homem, que, na pessoa de Jesus, se encontra o modelo ideal. Nos seminários o futuro presbítero percorre um caminho cuja meta se encontra na sua formação enquanto pessoa versada no ideal de homem católico, Jesus de Nazaré.

Como sujeito de sua própria formação tem sua liberdade essencial de ser humano respeitada. Permite ser formado, e se forma. Sua verdadeira natureza é aberta às relações, à transcendência. O homem se encontra em processo de aprimoramento do seu ser. A formação presbiteral, assim procura o amadurecimento do seminarista levando em conta sua originalidade. Daí também a importância do aspecto histórico. É no horizonte da história que ele se edifica, se torna responsável e amadurece na liberdade.

Ao encontro do exposto, o pensamento ético e antropológico de Lima Vaz lança luzes para se compreender o processo integral de formação da pessoa humana, sobretudo, no processo formativo do presbítero. Assim, ganhando destaque a liberdade que, sendo indispensável na formação integral da pessoa, é compreendida resposta ao Outro, ao transcendente. Não menos importante, a categoria de vida segundo o espírito, sendo o exercício dos atos que manifestam o espírito como o princípio mais profundo e essencial da vida humana, por isso se ligando intrinsecamente à categoria de realização. Logo, tal estrutura ética e antropológica, vai ao encontro da formação presbiteral que têm por objetivação conduzir o formando a amadurecer enquanto pessoa humana, dotada de liberdade inalienável.

REFERÊNCIAS

- ARENAS, Octávio Ruiz. *Jesús, epifania del amor del Padre*. Bogotá: CELAM, 1987.
- CELAM. *Las Dimensiones de la Formacion Sacerdotal*. Bogotá: CELAM, 1990.
- CNBB. *Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*. Brasília: CNBB, 2019.
- CNBB; *Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil: Diretrizes básicas*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O Dom da Vocação Presbiteral: Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: CNBB, 2017. Col. Documentos da Igreja. Vol. 32.
- CORREA, Jaime Vélez. *El Hombre Un Enigma: antropologia filosófica*. Bogotá, Colômbia: CELAM, 1995. Colección de textos basicos para seminarios latino-americanos. Vol. II.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. 2.ed. Paulus: São Paulo, 2002.
- FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes no Congresso promovido pela Congregação para o Clero, por ocasião do cinquentenário dos decretos conciliares "Optatam Totius" e "Presbyterorum Ordinis"*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151120_formazione-sacerdoti.html. Acesso em: 20 de set. 2020.
- JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. Vaticano: Vaticana, 1992.
- LIBANIO, João Batista. *A Arte de formar-se*. Ed.7. São Paulo: Loyola, 2014. Col. FAJE.

MENDONÇA, Carlos Bruno de Araújo; OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *A Antropologia da formação inicial do presbítero*. São Paulo: Loyola, 2011.

OLIVEIRA, Renato Alves de. *A Antropologia da imagem de Deus: uma aproximação bíblico-teológica*. In. *Interações: Cultura e Comunidade*. vol. 8. n. 13. Uberlândia, MG: PUC-Minas, 2013. pp. 87-115

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório*. Ed.8. Trad. Alfred J. Keller. São Paulo: Loyola, 2015.

RIBEIRO, Hércion. *Ensaio de antropologia cristã: Da imagem à semelhança com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1995.

RUBIO, Alfonso García. *Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *A Filosofia Contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991. Col. Filosofia.

_____. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992. Col. Filosofia.